**PENSAMENTO DECOLONIAL: PRESSUPOSTOS PARA A ANÁLISE DA FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICAS DE LIDERANÇAS QUILOMBOLAS**

Kátia de Oliveira Lima[[1]](#footnote-1)

Gabriella Machado Nobre[[2]](#footnote-2)

Fabiane Maia Garcia[[3]](#footnote-3)

**E-mail:** kdeoliveb@gmail.com

**GT 1:** Educação, Estado e Sociedade na Amazônia

**Financiamento:** FAPEAM/CAPES/SEMED- Manaus

**Resumo**: Este estudo propõe apresentar o pensamento decolonial enquanto abordagem teórica e conceitual, fase essencial para compreensão da escolha da referida corrente teórica para analisar a formação sociopolítica e pedagógica das lideranças das associações remanescentes de quilombo em Novo Airão, Amazonas. Como resultados parciais, concluímos que desenvolver um estudo sobre a formação sociopolítica e pedagógica de lideranças quilombolas na Amazônia à luz do pensamento decolonial e de seus conceitos se faz coerente, pois além de trazer visibilidade para esses sujeitos, trará para suas lutas e movimentos políticos.

**Palavras-chave**: Estudos decoloniais; Política; Amazônia; Lideranças Quilombolas.

**INTRODUÇÃO**

Em um processo de pesquisa, identificar a inter-relação entre a base epistemológica e o problema de pesquisa se faz etapa crucial. Desta forma, neste estudo propomos investigar como e se o pensamento decolonial pode contribuir para a análise das dinâmicas formativas das lideranças quilombolas na Amazônia.

Explorar os princípios e os fundamentos do pensamento decolonial perpassa pela crítica à colonialidade do saber, poder e do ser, bem pelo reconhecimento e valorização das epistemologias do Sul. O pensamento decolonial emerge em um contexto de contestação dos sentidos e das relações de poder, saber e ser como uma lente analítica teórica de questões da América Latina (A. L.), de uma crítica ao eurocentrismo das ciências sociais impulsionada pelo Movimento Modernidade/Colonialidade (M/C).

Antes de aprofundar no M/C, cabe apresentar suscintamente as contribuições dos pós-coloniais de Aimé Césaire, Albert Memmi e Frantz Fanon na crítica ao eurocentrismo epistêmico e em favor do colonizado e do Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos.

Aimé Césaire poeta negro, nascido na Martinica no ano de 1925. Em suas obras, Césaire ilustrou os horrores da colonização na África, em Madagascar, na Indochina e nas Antilhas pela coroa francesa. O autor cunhou o conceito de negritude. Segundo Moore, 2010

A Negritude é um dos mais revolucionários conceitos de luta social surgidos no Mundo Negro contemporâneo, tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação dos parâmetros de luta contra o racismo. Ela é, certamente, o conceito que mais positivou as relações raciais no século XX. (MOORE, 2010, p. 07).

Trazendo para o campo da literatura o termo Negritude incursiona um movimento no sentido de valorização do sujeito negro, de orgulho racial, Aimé Césaire coloca em pauta valores das culturas africanas e da identidade negra a partir do próprio negro, frente a opressão colonialista.

Albert Memmi foi um escritor e professor nascido na Tunísia, de origem judaica. Na década de 1950, ele publicou o livro “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador”, nessa obra Memmi alude sobre o colonialismo a partir de uma reflexão sobre as relações entre colonizados e colonizadores.

Segundo o autor o racismo é o que define a relação entre colonizador e o colonizado, identificando e assumindo as diferenças entre ambos privilegiam os traços, cultura, costumes do colonizador. Apontando traços de resistência como comportamentos inapropriados, logo os colonizados passam a receber o título de selvagens, indolentes, rebeldes e os que não aceitavam se submeter ao colonizador foram classificados de preguiçosos.

O autor afirma que “nada poderia legitimar melhor o privilégio do colonizador que seu trabalho; nada poderia justificar melhor o desvalimento do colonizado que sua ociosidade. O retrato mítico do colonizado conterá então uma inacreditável preguiça” (MEMMI, 1977, p. 78).

Frantz Fanon foi um psicanalista negro, nascido em 1925 na Martinica. Considerado um revolucionário suas obras contribuíram significativamente para com movimentos sociais e políticos, em especial no continente africano. Fanon em seu clássico “Pele negra, Máscara branca” alude sobre imposições que o homem branco faz ao negro colonizado, da relação imagem colonizadora e identidade do colonizado e o desejo de tornar-se branco, de ser belo e bom características brancas. Essa interiorização racial decorre do racismo.

Para o autor o racismo é uma forma de alienação que atravessa a cor, o corpo, a religião, a etnicidade, a cultura e a personalidade dos colonizados em uma estrutura de dominação entre superiores e inferiorizados, legitimado pelo discurso ambivalente civilidade ou barbárie.

Quanto ao Grupo Latino-Americano de Estudos subalternos foi formado em 1992 e propunha debater sobre a historiografia a luz de uma abordagem latino-americana subalterna. Este grupo era formado por intelectuais latino-americanos que viviam nos Estados Unidos, entre eles Ileana Rodríguez, John Berverley, Aníbal Quijano, John Berverly e Walter Mignolo.

Apesar da proposta inicial do grupo de desenvolver estudos sobre a América Latina a partir de uma ancoragem subalterna com abordagem política, em “oposição” a abordagem culturalista, enfatizando categorias como classe, raça e gênero, houve descontentamento por parte de alguns integrantes do grupo pelo fato de considerarem não ter havido a necessária ruptura com cânones eurocêntricos pós-modernos como Deleuze, Foucault e Derrida, fundante para coerência dos estudos subalternos latino-americanos. Isso levou a uma ruptura no interior do grupo

A rachadura interna do grupo consequentemente culminou na sua desagregação. Sua última reunião foi em 1998, na Universidade de Duke, onde se reuniu com Grupo Sul-asiático de Estudos Subalternos, o qual havia sido sua inspiração inicial. Apesar desse encontro ter rendido inúmeras publicações o Grupo Latino-Americano de Estudos subalternos foi dissolvido (GROSFOGUEL, 2009).

Com alguns integrantes do extinto Grupo Latino-Americano de Estudos subalternos, emerge o Movimento Modernidade/Colonialidade M/C fundado por Walter Mignolo. O M/C se articulou por meio de diálogos, publicações e seminários entre intelectuais, em especial da América Latina.

O M/C a partir do reconhecimento de que a presença do outro (colonizador) impede o eu (colonizado) de ser eu mesmo (LACLAU e MOUFFE, 1985, p. 125) e que esse sujeito tem sua voz silenciada, propõe que a história de dominação e de resistência da A. L. entre no debate até então centrado no pensamento do Norte.

Para o M/C a modernidade não é um fenômeno que se inicia no século XIX, remonta ao século XVI, tendo se iniciado com a colonização do Caribe e da América Latina pela coroa portuguesa e espanhola, por meio das grandes navegações. Mignolo (2000, p. 35) afirma que “la emergencia del circuito comercial del Atlántico, en el siglo XVI, que considero fundamental en la historia del capitalismo y de la modernidad/colonialidad”.

Nesse processo chega a América Latina e Caribe uma estrutura de poder patriarcal, cristão e branca que massifica e subalterniza saberes, culturas e hierarquiza racialmente os colonizados em relação aos superiores europeus, colonizadores.

**METODOLOGIA**

Tendo em vista nossa que proposta é apontar as trilhas dessa abordagem teórica ao ponto a compreender o modo se e como ela atende ao nosso objeto de estudo, para desenvolver este trabalho optamos pela pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, o qual contou com um levantamento sobre as bases dos estudos decoloniais, enquanto linha teórica. O tratamento dos dados se deu a partir da análise de conteúdo.

**RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO**

Para chegar ao pensamento decolonial se fez necessário apresentar, ainda que incipientemente os esforços de pesquisadores pioneiros no enfretamento ao colonialismo, que deram vozes aos colonizados, para que o leitor compreenda a evolução das discussões desde as estudos pós-coloniais, estudos subalternos até a emergência dos estudos decoloniais.

São três correntes anticoloniais que têm em comum à crítica a colonialidade, mas cada uma com sua especificidade. De forma genérica podemos dizer que os estudos pós-coloniais têm sua ênfase na crítica dos processos discursivos, psíquicos e culturais da colonialidade, que complexamente articulados inferiorizam o colonizado.

Já os estudos subalternos trazem em seu bojo a intensão de dar vozes aos sujeitos apagados da historiografia, que em geral foi contada pelo colonizador. Quanto aos estudos decoloniais há um viés político e acadêmico, bem como uma renovação crítica das ciências sociais, a partir da ruptura com a epistemologia moderna. Neste sentido, Mignolo (2003, p.76) afirma a necessidade da “descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica”.

Os estudos decoloniais não refutam as correntes pós-coloniais e subalterna, mas se organiza a partir de um processo de amadurecimento e de inquietação com a relação de alguns estudos pós-coloniais, culturais e subalternos latino-americanos com o paradigma eurocêntrico moderno. Tem como foco questões culturais e políticas latino-americanas. Traz o conceito de decolonialidade, o qual está imbrincado ao M/C, formado por intelectuais latino-americanos, como Aníbal Quijano, Arthuro Escobar, Edgardo Lander, Enrique Dussel Walter Mignolo. O M/C questiona a colonialidade do pensamento moderno.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que o estudo propõe analisar o processo de formação sociopolítica e pedagógica de líderes quilombolas no âmbito da região amazônica e que a consolidação da presença negra na Amazônia muitas vezes foi invisibilizada na historiografia local, bem como suas lutas e resistência, consideramos que desenvolver um estudo sobre lideranças quilombolas na Amazônia à luz do pensamento decolonial e de seus conceitos além de trazer visibilidade para esses sujeitos, trará para suas lutas e movimentos políticos.

Neste sentido, cabe destacar que o pensamento decolonial decorre do enfrentamento ao colonialismo, imbrincado ao racismo em uma perspectiva política e cultural. Bem como as os movimentos quilombolas, que são marcados pela resistência e luta por direitos sociais, geralmente encabeçadas por lideranças endógenas ao quilombo.

**REFERÊNCIAS**

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Carlos Moore (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 80, p. 115-147, 2009.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal (1985). **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. Londres: Verso.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade a lo largo ya lo ancho: o hemisfério ocidental no horizonte colonial da modernidade.** 2000.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

1. Doutoranda em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE-UFAM). Pedagoga e professora na Secretaria Municipal de Educação de Manaus. Tem pesquisas financiadas pela FAPEAM. Por meio do edital Nº 21/2018 Procad- Amazônia-Capes realizou estágio doutoral na Universidade Estadual do Arizona – EUA, entre 2022 e 2023. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutoranda em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE-UFAM). Professora de Relações Internacionais da Faculdade La Salle Manaus e professora de inglês do ICBEU-MANAUS. [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutora em Educação pela Universidade do Minho-Portugal. Professora e Vice-diretora da Faculdade de Educação FACED-UFAM, com pesquisas financiadas pelo CNPq, CAPES e FAPEAM. Docente do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisadora CNPq. [↑](#footnote-ref-3)